

Nunca percebi qual é a graça das festas de fantasia. Tens duas opções: ou fazes um esforço enorme e acabas por parecer um idiota, ou não fazes esforço nenhum e acabas por parecer um idiota. E o meu problema, como sempre, era não saber que tipo de idiota queria ser.

Já me tinha praticamente decidido pela estratégia do não-esforço, só que, no último instante, acabara por ceder ao pânico e embarcara numa malfadada tentativa de encontrar um lugar qualquer que vendesse disfarces e fantasias, dando por mim numa dessas lojas de artigos eróticos estranhamente populares que vendem *lingerie* vermelha e *dildos* cor-de-rosa a pessoas sem um verdadeiro interesse por nenhum dos dois.

E foi por isso que, quando aterrei numa festa que já se encontrava na sua fase demasiado quente, barulhenta e sobrelotada, eu levava na cabeça um par de orelhas de coelho de renda preta e problematicamente sexualizadas. Juro que costumava ser bom neste tipo de coisa, mas tinha perdido a prática, e parecer um daqueles prostitutos de segunda que satisfazem um fetiche bastante específico não me parecia a forma ideal de fazer uma *rentrée* triunfante. E o pior era que chegara tão tarde que todos os outros otários solitários já haviam desistido e ido para casa.

Algures naquele buraco de luzes a piscar, música estridente e suor, estavam os meus amigos de verdade. Eu sabia isto porque o nosso grupo do WhatsApp — atualmente com o nome de Queer Comes The Sun — havia degenerado numa centena de variações sobre o tema «onde porra é que está o Luc». Mas tudo o que eu conseguia ver era

gente que eu achava vagamente que conhecia vagamente gente que me conhecia vagamente. Esgueirando-me até ao bar, franzi os olhos para conseguir ler o quadro-negro com os coquetéis especiais da noite, ao que acabei por pedir uma Confortável Conversa de Abrunho sobre Pronomes Contra a Parede, já que tinha ar de ser bom de beber e descrevia com precisão as minhas hipóteses de engatar alguém naquela noite. Ou em qualquer outra altura, para dizer a verdade.

Provavelmente devia explicar por que motivo estava a beber um copo não-binário, arreado com uma pretensa indumentária fetichista do mais classe-média que se possa imaginar, numa cave em Shoreditch. Mas, para ser sincero, eu próprio também já começava a fazer-me essa mesma pergunta. Basicamente, há um tipo chamado Malcom que eu conheço porque toda a gente conhece o Malcom. Tenho a certeza de que é um corretor da bolsa ou banqueiro ou qualquer coisa do género, mas, à noite — quero com isto dizer nalgumas noites, ou antes, cerca de uma noite por semana —, é DJ numa discoteca transgénero/género fluido chamada Surf 'n' Turf @ The Cellar. E aquela noite era a da festa do Chapeleiro Maluco. Porque o Malcom é assim e pronto.

Naquele preciso momento, ele estava no fundo da sala com uma cartola roxa, fraque às riscas, calças de cabedal e pouco mais, a passar aquilo a que eu acho que chamam umas «malhas do caraças». Ou talvez não. Talvez seja uma expressão que ninguém usa. Quando estava na minha fase discotecomaníaca, nem sequer me dava ao trabalho de perguntar o nome aos meus engates, quanto mais de tomar notas sobre a terminologia vigente.

Suspirei e devolvi a atenção à minha Confortável Ausência de Quecas. Devia haver uma palavra para aquela sensação que temos quando fazemos uma coisa que não nos apetece só para sermos solidários, mas depois percebemos que os outros não precisam de nós e ninguém teria dado por nada se tivéssemos ficado em casa, de pijama e a comer *Nutella* diretamente do frasco. Enfim. Era isso que eu estava a sentir. E provavelmente devia ter-me ido embora, só que então havia de ficar rotulado como o estupor que até tinha ido à festa do Malcom, não se esforçara nem um bocadinho a pensar no que vestir, tinha bebido um oitavo dum copo e depois bazado sem falar com ninguém.

Saquei do meu telemóvel e mandei ao grupo um desesperado **«Estou aqui, onde é que vocês andam?»**, isto só para ver aparecer o maldito relógio ao lado da mensagem. Quem é que podia imaginar que numa festa literalmente no subsolo e rodeada de betão podia não haver rede?

— Tens noção de que essas orelhas nem sequer são brancas?

Um hálito quente roçou-me a cara e, quando me virei, dei de caras com um desconhecido. Um desconhecido bem jeitoso, por sinal, com aquele ar de raposo atrevido ao qual estranhamente sempre achei graça.

— Sim, só que eu estava atrasado. Ao passo que tu nem sequer estás disfarçado.

Ele sorriu, parecendo ainda mais raposo e ainda mais atrevido e ainda mais engraçado. Em seguida, levantou a lapela para deixar ver um *Post-it* onde se podia ler «Ninguém».

— Parece-me uma referência irritantemente obscura.

— *«Só queria ter olhos como os teus», observou o rei num tom irritado. «Ser capaz de ver Ninguém!»*

— Palerminha presunçoso.

Isto fê-lo rir.

— As festas de fantasia trazem à tona o pior de mim.

Não foi o meu recorde de conversa com um tipo sem meter a pata na poça, mas estava definitivamente a subir na tabela. O importante era não entrar em pânico e tentar proteger-me, transformando-me para tal num imbecil insuportável ou numa pega do pior.

— Nem quero pensar no que é que poderá trazer à tona o teu melhor.

— Pois, isso — outro sorriso, outra exibição de dentes — só poderia ser o Malcom.

— O Malcom traz à tona o melhor em tudo. Era capaz de pôr toda a gente a comemorar o facto de ter de pagar 10 centavos por um saco de compras.

— Por favor, não lhe dês ideias. Já agora — aproximou-se um pouco mais —, sou o Cam. Mas como é garantido que não ouviste bem o que eu disse, respondo a qualquer nome de uma sílaba com uma vogal no meio.

— Muito prazer, Bob.

— Palerminha presunçoso.

Mesmo com as estroboscópicas em toda a força, detetei-lhe um brilho nos olhos. E dei por mim a pensar de que cor seriam longe das sombras e dos arcos-íris artificiais da pista de dança. Mau sinal. Aquilo estava perigosamente perto de gostar de alguém e eu só tinha de pensar onde isso me havia levado.

— És o Luc Fleming, não és? — perguntou-me ele.

Pronto, temos o caldo entornado. Eu já estava a estranhar. Porra de sorte a minha.

— Por acaso — disse, como sempre digo —, é Luc O'Donnell.

— Mas és o filho do Jon Fleming, certo?

— O que é que tens que ver com isso?

Ele pestanejou, desconcertado.

— Bem, nada. Mas quando perguntei à Angie — namorada do Malcom, que estava vestida de Alice porque era óbvio que ela tinha de ser a Alice — quem era o tipo jeitoso e mal-humorado, ela respondeu: «Ah, aquele é o Luc, o filho do Jon Fleming.»

Não me agradava que fosse isso que os outros diziam de mim. Mas, também, quais eram as alternativas? «É o Luc, a carreira dele foi pelo cano»? «É o Luc, não tem uma relação estável há cinco anos»? «É o Luc, quando é que deu tudo pró torto»?

— Sim. Sou eu.

O Cam pousou os cotovelos no bar.

— Isto é o máximo. Nunca tinha conhecido ninguém famoso. Agora, devo fingir que gosto muito do teu pai ou que o detesto?

— Nem sequer o conheço. — Uma busca sumária no Google ter-lhe-ia dito isso mesmo, pelo que não era como se eu estivesse a dar-lhe um grande exclusivo. — Como tal, não me faz grande diferença.

— É capaz de ser melhor assim, porque só me consigo lembrar, tipo, duma das músicas dele. Acho que falava duma fita verde à volta do chapéu.

— Não, isso é Steeleye Span.

— Ah, espera. A Rights of Man do Jon Fleming.

— Sim, mas percebo porque é que confundiste as duas bandas.

Ele lançou-me um olhar penetrante.

— Não são nada parecidas, não é?

— Bem, há algumas diferenças subtis. Steeleye é mais *folk rock*, enquanto a RoM é mais *prog rock*. Os Steeleye usavam muitos violinos,

enquanto o meu pai é flautista. Além disso, os Steeleye Span têm *uma* vocalista.

— *Okay* — brindou-me com outro sorriso, menos envergonhado do que o meu seria se estivesse no lugar dele —, admito que não sei do que estou a falar. Mas o meu pai é um grande fã. Tem os discos todos. Guarda-os no sótão com as calças boca de sino que não lhe servem desde 1979.

Estava a começar a cair-me a ficha de que, há cerca de oito milhões de anos, o Cam tinha-me descrito como jeitoso e mal-humorado. Só que, agora, a proporção era claramente de 80/20 a favor do mal-humorado.

— Os pais de toda a gente são fãs do meu pai.

— Isso deve lixar-te a cabeça.

— Um pouco.

— E deve ser ainda mais estranho com aquela cena da televisão.

— Digamos que sim. — Pus-me a mexer no meu copo com indiferença. — Sou reconhecido com mais frequência, mas «Ei, o teu pai é aquele tipo daquele programa de talentos merdoso» sempre é um pouco melhor do que «Ei, o teu pai é aquele tipo que apareceu no noticiário na semana passada porque deu uma cabeçada num polícia e depois vomitou em cima dum juiz durante uma tripe de heroína e *WC Pato*.»

— Pelo menos é interessante. A coisa mais marada que o meu pai já fez foi sacudir um frasco de *ketchup* sem perceber que a tampa estava aberta.

Não tive como não me rir.

— Não posso acreditar que te estás a rir do meu trauma de infância. A cozinha parecia um cenário saído do filme *Hannibal.* A minha mãe ainda fala disso quando se irrita, mesmo que o alvo da irritação não seja o meu pai.

— Sim, a minha mãe também fala do meu pai quando a irrito. Só que é menos «Isto é como daquela vez em que o teu pai espalhou um molho de tomate pela cozinha toda» e mais «É como daquela vez em que o teu pai disse que vinha a casa no meu aniversário, mas, em vez disso, ficou em Los Angeles a snifar cocaína nas mamas duma prostituta».

O Cam pestanejou.

— Ups.

Merda. Meio coquetel e um sorriso bonito, e eu já estava a cantar como um puto adorável numa barricada em França. Era o tipo de coisa que acabava nos jornais. *Outra Vergonha Secreta do Cocainómano Jon Fleming.* Ou talvez *Tal Pai, Tal Filho: o Comportamento de Jon Fleming Júnior Durante a Infância Comparado Com os Desvarios de Um Pai Toxicodependente.* Ou pior ainda, *Ainda Louco Passados Tantos Anos: Odile O'Donnell Desabafa Com o Filho Sobre As Relações de Fleming Com Prostitutas nos Anos 80.* Era por isso que eu nunca devia sair de casa. Nem falar com seres humanos. Especialmente não com seres humanos que eu queria que gostassem de mim.

— Escuta — disse-lhe sem revelar nenhuma emoção, apesar de saber que aquilo me podia correr muito mal —, a minha mãe é muito boa pessoa e criou-me sozinha, e passou por muita coisa, portanto… tipo… importas-te, por favor, de esquecer que eu disse aquilo?

Ele brindou-me com o tipo de olhar que fazemos quando estamos mentalmente a transferir alguém da caixa «atraente» para a caixa «esquisito».

— Eu não *lhe* vou dizer nada. Nem sequer a conheço. E, sim, posso ter vindo até aqui para te dar em cima, mas ainda estamos muito longe de sermos apresentados aos respetivos pais.

— Desculpa. Desculpa. Eu… sou muito protetor com ela.

— E achas que ela tem de ser protegida de tipos que conheces ao acaso em bares?

Bem, eu tinha estragado tudo, porque a resposta era basicamente: «Sim, se tu fores falar com a imprensa sensacionalista, porque esse é o tipo de coisa que acontece mesmo comigo», só que não lhe podia dizer isto sem lhe meter a ideia na cabeça. Quero dizer, isto supondo que já não estivesse lá e ele não estivesse a usar-me como uma flauta ou um violino, consoante a banda dos anos 70 da qual achasse que eu fazia parte. Como tal, restava-me a opção B: deixar que aquele homem divertido e atraente com quem eu gostaria de ter pelo menos um caso de uma noite pensasse que eu era um paranoico que passava demasiado tempo a pensar na mãe.

— Hum… — engoli em seco, sentindo-me tão desejável como uma sanduíche de gato atropelado — podemos voltar à parte em que vieste até aqui dar-me em cima?

Um silêncio mais demorado do que eu teria gostado. Então, ele sorriu, embora com alguma cautela.

— Claro.

Outro silêncio.

— Bem — arrisquei —, tenho de te dizer que, para quem devia estar a dar em cima de mim, estás-me a parecer bastante minimalista.

— Bem, o meu plano original era, sabes, tentar falar um bocado contigo e ver como é que corria, e então talvez tentar beijar-te ou assim. Mas tu a modos que me torpedeaste a estratégia. Portanto, agora, não sei o que fazer.

Caiu-me a alma aos pés.

— Desculpa. Não foi problema teu. Eu é que sou mesmo muito mau em… — tentei encontrar uma palavra que resumisse adequadamente o meu historial amoroso recente — … tudo.

Talvez estivesse a imaginar, mas quase podia ver o Cam a tentar decidir se eu valia mais algum esforço. Para minha ligeira surpresa, pareceu decidir-se pelo esforço.

— Tudo? — repetiu ele, e endireitou-me a ponta da orelha de coelho de uma maneira que decidi interpretar como encorajadora.

Era um bom sinal, certo? Tinha de ser um bom sinal. Ou seria um péssimo sinal? O que é que ele tinha de errado para não ter desatado a fugir aos gritos? *Okay*. Não. Eu estava enfiado na minha cabeça, que era só o pior lugar para alguém estar, especialmente eu. Tinha de dizer qualquer coisa ligeira e sedutora e naquele preciso instante.

— Talvez eu não seja muito mau no capítulo dos beijos.

— Hum. — Ele aproximou-se um pouco mais. *Grande merda; tinha mesmo ido naquela conversa?* — Não sei se a tua opinião será de confiança. Talvez seja melhor verificar.

— Hum. Está bem…?

Assim sendo, ele tratou de verificar. E eu não fui mau no beijo. Quero dizer, acho que não fui mau no beijo. Valha-me Deus, espero não ter sido mau no beijo.

— E então? — perguntei um momento depois, num tom relaxado, brincalhão e nada desesperado nem inseguro.

A cara dele estava suficientemente perto para que eu lhe pudesse ver todos os pormenores tentadores, como a espessura das pestanas, um despontar de barba ao longo do maxilar e as rugas nos cantos da boca.

— Não sei se consigo tirar uma conclusão exata com base em apenas uma amostra.

— Ui, que científico.

Expandimos o universo da amostragem e, quando terminámos, ele tinha-me encostado ao canto do bar e as minhas mãos estavam enfiadas nos bolsos traseiros das calças de ganga dele numa tentativa desajeitada de fingir que não estava a apalpá-lo descaradamente. Foi então que me ocorreu que ele sabia o meu nome, e o do meu pai, e provavelmente o da minha mãe, e muito possivelmente tudo o que já tinha sido escrito sobre mim, ao passo que tudo o que eu tinha em troca era que ele se chamava «Cam» e sabia bem.

— És? — perguntei-lhe eu, sem fôlego. E em resposta ao seu olhar confuso, acrescentei: — Científico. Não tens muita pinta disso.

— Ah, não. — Ele sorriu, todo *sexy* e delicioso. — Foi só um pretexto para continuar a beijar-te.

— Então, o que é que fazes?

— Sou *freelancer*, principalmente para *sites* que gostariam de ser o *BuzzFeed*.

Eu sabia. Eu sabia, porra. Ele tinha-se mostrado demasiado empenhado em ignorar os meus muitos, muitos defeitos.

— És jornalista.

— É um termo bastante generoso para definir o que faço. Escrevo aquelas listas de x coisas sobre y onde não vais acreditar em z que toda a gente odeia, mas parece ler na mesma.

Doze Coisas Que Não Sabias Sobre o Luc O'Donnell. A Número Oito Vai Ser Um Choque.

— E, às vezes, faço aqueles testes do tipo em que tens de escolher oito fotos de gatinhos e nós dizemos-te qual personagem de John Hughes tu és.

A versão racional do Luc, a do Universo paralelo onde o meu pai não era um cretino famoso e o meu ex-namorado não tinha vendido

todos os meus segredos ao Piers Morgan, tentou dizer-me que eu estava a exagerar. Infelizmente, eu não estava a dar-lhe ouvidos.

O Cam inclinou a cabeça para o lado com um ar interrogativo.

— O que é que se passa? Ouve, eu sei que não é propriamente um trabalho *sexy*, e nem sequer tenho o consolo de dizer «mas alguém tem de o fazer», porque não é verdade. Mas estás esquisito outra vez.

— Desculpa. É… complicado.

— Complicado pode ser interessante. — Pôs-se em bicos dos pés para me ajeitar o cabelo atrás da orelha. — E o capítulo dos beijos já está aprovado. Agora, só temos de afinar o da conversa.

Brindei-o com o que esperava não ser um sorriso amarelo.

— Prefiro ficar-me por aquilo em que sou bom.

— Fazemos assim: eu faço-te uma pergunta e, se gostar da resposta, podes voltar a beijar-me.

— Hum, não sei se…

— Começamos com insignificâncias. Já sabes o que eu faço. E tu fazes o quê?

O meu coração estava acelerado. E não de uma forma interessante. Mas, no que respeitava a perguntas, aquela era inofensiva, certo? Era uma informação que pelo menos duzentos *spambots* já tinham.

— Trabalho para uma instituição sem fins lucrativos.

— Uau. Nobre. Eu podia dizer que sempre quis fazer qualquer coisa assim, mas sou demasiado superficial. — Virou a cara para a minha e beijei-o com alguns nervos. — Sabor de gelado favorito?

— Chocolate com menta.

Outro beijo.

— Livro que literalmente toda a gente já leu, mas tu não.

— Todos.

Ele recuou.

— Não mereces um beijo por uma resposta dessas. É do mais preguiçoso que há.

— Não é, não; a sério. Todos eles, *Mataram a Cotovia, À Espera no Centeio,* qualquer coisa que Dickens tenha escrito, *A Oeste Nada de Novo,* aquele sobre a mulher do viajante do tempo, Harry Potter…

— Levas o teu analfabetismo bastante a sério, portanto…

— Sim, estou a pensar em mudar-me para os Estados Unidos e candidatar-me a um cargo público.

Ele riu-se e beijou-me, deixando-se ficar desta vez, o corpo contra o meu, a respiração contra a minha pele.

— *Okay*. O lugar mais estranho onde já tiveste sexo.

— Isso é para o número oito? — perguntei, com um risinho que pretendia demonstrar que eu era incrivelmente fixe e despreocupado.

— Número oito de quê?

— Tu sabes, os doze filhos de celebridades que gostam de foder em lugares estranhos. O número oito vai ser um choque.

— Espera lá. — Ele estava imóvel. — Tu achas mesmo que estou a beijar-te por causa de uma *listinha*?

— Não. Quero dizer… não. Não.

Ele ficou a olhar para mim durante um longo e horrível momento.

— Achas mesmo, não achas?

— Eu disse que era complicado.

— Isso não é complicado, é um insulto.

— Eu… é… — Eu já me tinha safado uma vez. Podia repetir a dose. — Não era essa a intenção. Não tem que ver contigo.

Desta vez, não me endireitou a orelha de coelho.

— Como é que *não tem que ver comigo* se estás mesmo com dúvidas a respeito do *meu* possível comportamento?

— Só tenho de ter cuidado. — Para que fique registado, eu disse isto num tom extremamente digno. E nada patético.

— Mas que raio é que eu ia escrever? Conheci Numa Festa um Puto que Já Era? O Filho *Gay* de um Famoso é *Gay*, Quem Diria?

— Bem, sempre parece um progresso em relação ao que costumas escrever.

A boca dele abriu-se e percebi que talvez tivesse ido um pouco longe demais.

— Uau. E eu que estava prestes a dizer que não sabia qual de nós seria o idiota, mas obrigado pelo esclarecimento.

— Não, não — apressei-me a dizer —, sou sempre eu. Acredita em mim, eu sei.

— Francamente, não sei se isso adianta. Quero dizer, nem sei o que é que acho pior. Que tu me penses capaz de dar uma queca com alguém vagamente famoso só para me dar bem na minha carreira, ou que aches que, se eu me decidisse por uma opção de carreira tão extremamente degradante, a pessoa escolhida serias tu.

Engoli em seco.

— Muito bem visto. E bem explicado também.

— Merda num telhado de zinco quente, eu devia ter dado ouvidos à Angie. És toda uma dose de não vale a pena.

Perdeu-se no meio da multidão, muito possivelmente em busca de alguém com o juízo menos lixado, deixando-me sozinho com as minhas orelhas de coelho à banda e uma profunda sensação de fracasso pessoal. Embora me pareça que consegui duas coisas naquela noite: dar apoio a um homem que de modo algum precisava dele, e demonstrar, fora de qualquer dúvida, que ninguém no seu perfeito juízo havia de querer namorar comigo. Eu não passava de uma lástima arisca, mal-humorada e paranoica que sempre havia de encontrar maneira de estragar até a interação humana mais básica.

Encostei-me ao bar e fiquei a olhar para aquela cave cheia de desconhecidos a divertir-se muito mais do que eu, pelo menos dois dos quais estavam provavelmente naquele momento a ter uma conversa sobre o péssimo ser humano que eu era. Segundo o meu ponto de vista, tinha duas opções: podia levantar a cabeça, agir como um adulto, procurar os meus amigos de verdade e tentar aproveitar o que restava da noite; ou podia ir a correr para casa, enfrascar-me sozinho e acrescentar aquele episódio à lista de coisas que fazia de conta, sem sucesso algum, que nunca tinham acontecido.

Dois segundos depois, eu estava na escada.

Oito segundos depois, estava na rua.

E, dezanove segundos depois, estava a tropeçar nos meus próprios pés e a cair de borco na sarjeta.

Bem, não foi mesmo a coroa mais mal-amanhada para uma noite que já começara enguiçada? E nem pensar que havia de voltar para me assombrar, pois claro que não.



Claro que voltou para me assombrar.

E a forma como resolveu assombrar-me foi um alerta do Google cuja vibração parecia empenhada em atirar-me o telemóvel da mesa de cabeceira abaixo. E, sim, estou perfeitamente ciente de que seguir o que os outros estão a dizer sobre nós na internet é geralmente uma coisa típica de um cretino ou de um narcisista, ou de um cretino narcisista, mas já tinha aprendido da maneira mais dolorosa que é melhor saber o que se passa lá fora. Ao esticar-me, atirei para o chão todo um outro exemplo de tecnologia vibratória — *para cavalheiros que desejam explorar um género mais sofisticado de prazer* —, e lá consegui agarrar no telemóvel com toda a elegância de um adolescente a tentar dar uns amassos a alguém.

Não queria olhar. Mas, se não o fizesse, ia acabar por vomitar a pegajosa mixórdia de pavor, esperança e incerteza que me tinha deixado as tripas feitas em papa para bebé. Geralmente, era menos mau do que eu receava. Só que às vezes… não era. À espreita pelo meio das pestanas como um miúdo que vê um episódio do *Doctor Who* barricado atrás das almofadas do sofá, verifiquei as notificações.

E pude voltar a respirar. Estava tudo bem. Embora, obviamente, num mundo ideal, fotos da minha pessoa estatelada na sarjeta à porta da The Cellar com um par de orelhas de coelho na cabeça *não* teriam acabado espalhadas em todos os *sites* de mexericos de terceira categoria, desde o *Celebitchy* ao *Yeeeah*. E num mundo verdadeiramente ideal, a minha definição de «tudo bem» nunca teria descido tão baixo. Mas,

sendo a minha vida um poço sem fundo de merda, o meu radar de consternação passara por umas quantas e sérias recalibragens ao longo dos anos. Quero dizer, pelo menos as fotos mostravam-me completamente vestido e sem a verga de ninguém na boca. Assim sendo, tudo bem.

Naquele dia, o prego no caixão da minha reputação digital tinha uma temática forte, «tal pai, tal filho», isto porque andam por aí mais do que umas quantas imagens do Jon Fleming a fazer figuras tristes. E imagino que «Filho Tresmalhado de *Bad Boy* Jonny Desmaia Depois de Bacanal de Drogas e Sexo» sempre dá uma manchete melhor do que «Homem Tropeça na Rua». Com um suspiro, deixei o telemóvel cair no chão. Afinal, a única coisa pior do que ter um pai famoso que estoirou a sua carreira como uma supernova de champanhe é ter um pai famoso que resolveu voltar à ribalta.

Eu já me tinha praticamente habituado a ser comparado com o meu pai ausente, desatinado e autodestrutivo. Mas agora que ele se tinha endireitado e assumira o papel do sábio e velho mentor todos os domingos na ITV, eu estava a ser *desfavoravelmente* comparado ao meu pai ausente, desatinado e autodestrutivo. E acontece que aquele era um nível de tretas para o qual eu não estava emocionalmente preparado. Eu já devia saber que o melhor era não ler os comentários, mas os meus olhos lá escorregaram e deram com *wellactually69,* que tinha recebido uma votação maciça por sugerir um *reality show* no qual o Jon Fleming tentasse devolver ao bom caminho o seu filho agarrado — um programa que *theotherjillfrompeckham* afirmava querer ver «de uma ponta à outra».

Eu sabia que, no grande esquema das coisas, nada daquilo importava. A internet era eterna e não havia como dar a volta à questão, mas no dia seguinte, ou no outro depois, eu já havia de ser águas passadas, ou qualquer que fosse o respetivo equivalente internético. A bem dizer esquecido até à próxima vez que alguém se lembrasse de dar mais uma volta à história do Jon Fleming. Só que eu continuava a sentir-me mal como a merda, e, quanto mais tempo passava, mais na merda eu me sentia.

Tentei consolar-me com o facto de que pelo menos o Cam não me tinha posto numa lista dos Doze Cretinos Que Talvez se Passem Contigo Numa Discoteca. Mas, na minha escala de consolo, aquilo ficava algures

entre «frio» e «diminuto». Verdade seja dita, nunca fui grande coisa em termos de autoestima. Já a autorrecriminação, essa, era terreno familiar. A autoaversão até durante o sono eu a dominava, o que muitas vezes era o caso. E ali estava eu, um homem de 28 anos subitamente assoberbado por uma necessidade avassaladora de telefonar à mãe porque estava triste.

Porque a única vantagem de o meu pai ser quem é, é que a minha mãe é quem é. Quem quiser, pode procurar na *Wikipédia*, mas a versão resumida é que nos anos 80 ela era essencialmente uma Adele franco-irlandesa com cabelo mais armado. E mais ou menos pela mesma altura em que os Bros perguntavam quando é que iam ser famosos e o Cliff Richard se entretinha a espalhar visco e vinho em toda uma série de Natais desavisados, ela e o meu pai tinham dado por si numa cena de amo-te-odeio-te-não-consigo-viver-sem-ti que resultara em dois álbuns em colaboração, um álbum a solo e eu.

Bem, tecnicamente, eu cheguei antes do álbum a solo, que aconteceu quando o meu pai percebeu que estava mais interessado em ser famoso e em apanhar grandes mocas do que em fazer parte da nossa vida. *Welcome Ghosts* foi a última coisa que a minha mãe compôs, mas, para sermos sinceros, foi a última que teve de compor. Quase todos os anos a BBC, ou a ITV, ou um estúdio de cinema qualquer usa uma faixa dela numa cena triste ou numa cena de raiva ou numa cena que não tem nada que ver, mas o cheque não fica por descontar por causa disso.

Ao levantar-me da cama, assumi, graças a um hábito há muito entranhado, a pose de Quasimodo exigida a qualquer pessoa com mais de 1,70 m para se poder deslocar no meu apartamento sem levar com uma viga na tromba. O que, tendo em conta que meço 1,93 m, é o equivalente imobiliário a ter optado por um *Mini Cooper*. Tinha arrendado aquele lugar com o Miles — o meu *ex* — quando era romântico viver no equivalente do século XXI a uma mansarda em Shepherd's Bush. Agora, estava a tornar-se rapidamente patético: sozinho, preso num emprego que não me levava a lado nenhum e ainda sem ser capaz de pagar uma casa que não fosse essencialmente a parte de baixo de um telhado. É claro que também não me faria mal nenhum se eu o arrumasse, tipo, de vez em quando.

Empurrando uma pilha de meias para fora do sofá, enrosquei-me e entrei no FaceTime.

— Allô, Luc, *mon caneton*[1] — disse a minha mãe. — Viste o pacote inteiro do teu pai ontem à noite?

Arquejei com genuíno horror antes de me lembrar que *O Pacote Inteiro* era o nome do estúpido programa de TV que ele tinha agora.

— Não. Saí com amigos.

— Devias ver. De certeza que consegues puxar para trás.

— Não quero ver.

Ela encolheu os ombros ao melhor estilo gaulês. Estou convencido de que exagera um pouco aquela cena francesa, mas não posso censurá-la por isso, já que tudo o que recebeu do pai foi o apelido. Bem, isso e uma palidez que deixaria a Siouxsie Sioux cheia de inveja. Seja como for, mesmo que ter um pai que dá à sola não seja genético, na nossa família é definitivamente hereditário.

— O teu pai não envelheceu bem — declarou ela.

— Folgo em sabê-lo.

— A cabeça dele está careca agora, e com uma forma engraçada. Parece aquele professor de química com cancro.

Aquilo era uma novidade. Mas também não me tenho propriamente esforçado para manter o contacto com a minha antiga escola. Para ser sincero, não me tenho propriamente esforçado para manter o contacto com gente que vive no lado errado de Londres.

— O Senhor Beezle tem cancro?

— Ele não. O outro.

Outra coisa a respeito da minha mãe: a sua relação com a realidade, questionável na melhor das hipóteses.

— Estás a falar do Walter White?

— *Oui*, *oui*. E sabes que mais? Não me parece que ainda tenha idade para andar por aí a saltitar com uma flauta.

— Estamos a falar do pai, certo? Porque, se não estamos, as últimas temporadas de *Breaking Bad* passaram-se por completo.

— Claro que estou a falar do teu pai. Ainda acaba por partir uma anca.

---

[1] «Meu patinho», em francês no original. (*N. do T.*)

— Bem. — Sorri. — A esperança é a última a morrer.

— Ele apostou numa rapariga com uma gaita de beiços, uma boa escolha, acho eu, porque era uma das mais talentosas, mas ela preferiu um dos rapazes dos Blue. Agradou-me bastante.

Se não lhe puserem travão, a minha mãe é capaz de falar sobre *reality shows* basicamente para sempre. Infelizmente — com o *wellactually69* e amigos a zumbir-me à volta da cabeça como vespas internáuticas —, a minha tentativa de lhe pôr travão resultou num:

— Fui apanhado pelos *paparazzi* ontem.

— Oh, querido. Outra vez? Lamento imenso.

O meu encolher de ombros foi bastante não-gaulês.

— Sabes como é que são essas coisas. — O tom dela amenizou-se para me tranquilizar. — Sempre uma borrasca num… num… copo de vinho.

Aquilo fez-me sorrir. A minha mãe tem esse dom.

— Eu sei. É só que, sempre que acontece, mesmo quando é uma coisa banal, pois… bem, faz-me lembrar outras coisas.

— Tu sabes que aquilo que aconteceu não foi culpa tua. Aquilo que o Miles fez não teve nada que ver contigo.

Resfoleguei.

— Teve tudo que ver comigo.

— As ações dos outros podem afetar-te. Mas o que os outros decidem fazer é coisa deles.

Ficámos ambos em silêncio durante um momento.

— Será que… algum dia vai deixar de doer?

— Não. — A minha mãe abanou a cabeça. — Mas vai deixar de ter importância.

Eu queria acreditar nela, queria mesmo. Afinal, ela era a prova viva das suas próprias palavras.

— Queres passar por cá, *mon caneton*?

Estava apenas a cerca de uma hora se conseguisse uma boleia na Estação de Epsom (1,6 estrelas no Google). Mas, embora conseguisse mais ou menos justificar os telefonemas à minha mãe sempre que me acontecia alguma coisa menos boa, correr literalmente de volta para casa dela ficava abaixo até mesmo do meu ínfimo nível de autorrespeito.

— A Judy e eu descobrimos um programa novo que estamos a ver — disse a minha mãe num tom que me pareceu querer ser encorajador.

— Ah, sim?

— Sim, é muito interessante. Chama-se *RuPaul's Drag Race*… já ouviste falar? A princípio, não sabíamos se íamos gostar porque nos pareceu que era sobre aqueles *monster trucks* americanos. Mas podes imaginar como ficámos contentes quando descobrimos que era sobre homens que gostam de se vestir de mulher… estás-te a rir de quê?

— Porque te adoro. Muito.

— Não te devias rir, Luc. Havias de ficar muito impressionado. Muitas vezes, até nos engasgamos com a *eleganza* deles. Isto quer dizer…

— Eu sei o que é o *Drag Race.* Provavelmente, até melhor do que tu.

Era isto que acontecia quando o nosso programa ganhava um Emmy. O nosso público transformava-se nas mães do nosso público.

— Então, devias vir até cá, *mon cher*.

A minha mãe vive em Pucklethroop-in-the-Wold, essa caixinha de bombons em que cresci, e passa os dias a discutir com a sua melhor amiga, a Judith Cholmondely-Pfaffle.

— Eu…

Se ficasse em casa, podia tentar fazer coisas adultas como lavar pratos e roupa. Embora, na prática, o mais provável fosse que me virasse aos alertas do Google até eles sangrarem.

— Vou fazer o meu caril especial.

Okay, estava resolvido.

— Porra, isso não.

— Luc, sabes ser muito desagradável quando se trata do meu caril especial.

— Sim, porque prefiro não acabar com o cu em chamas.

A minha mãe estava a fazer beicinho.

— Para um *gay*, és demasiado sensível no que respeita ao teu cu.

— Que tal não falarmos mais do meu cu?

— Tu é que puxaste o assunto. Seja como for, a Judy adora os meus caris.

Às vezes acho que a Judy só pode amar a minha mãe. Sabe Deus por que outra razão enfrentaria os cozinhados dela.

— Provavelmente porque passaste os últimos vinte e cinco anos a assassinar-lhe sistematicamente as papilas gustativas.

— Bem, já sabes onde estamos se mudares de ideias.

— Obrigado, mãe. Falamos em breve.

— *Allez*, querido. *Bises*.

Sem a minha mãe a falar pelos cotovelos sobre *reality shows*, a minha casa de repente ficou muito silenciosa, o meu dia parecendo-me muito… longo. Entre trabalho, amigos, conhecidos e esporádicas tentativas de dar uma, eu geralmente conseguia usar o meu apartamento como um hotel caro e mal conservado — só lá punha os pés para me apagar durante umas horas e voltar a sair na manhã seguinte.

Exceto aos domingos. Os domingos eram complicados. Ou tornaram-se complicados à medida que os anos me foram fugindo. Na universidade, tinham servido para o *brunch* e para me arrepender do que tinha feito no sábado, e para tardes sonolentas. Então, um a um, eu tinha perdido os meus amigos para jantares com os sogros ou para decorar o quarto das crianças ou porque preferiam os prazeres de um dia passado em casa.

Não que eu os censurasse pelas suas mudanças de vida, e tão pouco queria o que eles tinham. Não fui talhado para tal coisa. Isto porque, tanto quando me conseguia lembrar, os domingos com o Miles tinham passado bastante depressa de maratonas de sexo a maratonas de reclamações e ressentimentos. O problema eram os momentos como aquele. Quando parecia que o meu mundo se resumia a notificações no meu telemóvel.

Notificações que eu estava a fazer um imenso esforço para ignorar. Porque sabia que a minha mãe tinha razão: se eu conseguisse sobreviver àquele dia, as notificações não me fariam diferença nenhuma no seguinte.

Embora, como depois se viria a ver, estivéssemos ambos enganados.

Redondamente enganados.

CAPÍTULO 3

Segunda-feira começou como era costume — comigo a chegar atrasado ao trabalho e sem que ninguém se ralasse com isso, porque aquele era esse tipo de escritório. Quero dizer, eu chamo-lhe *escritório*. Na verdade, trata-se de uma casa em Southwark que foi desajeitadamente convertida na sede da instituição sem fins lucrativos para a qual trabalho. Que por acaso é a única instituição sem fins lucrativos ou, na realidade, a única organização seja de que tipo for que se mostrou interessada em contratar-me.

Trata-se da criação de um conde idoso com uma queda para a agricultura e de um etimologista educado em Cambridge que eu acho que pode muito bem ser uma IA vigarista enviada do futuro. A missão deles? Salvar os escaravelhos-bosteiros. E, na qualidade de angariador de fundos, cabe-me convencer as pessoas de que é melhor darem o seu dinheiro a insetos que comem cocó e não a pandas, órfãos ou — Deus nos ajude — à Comic Relief. Gostava de poder dizer que sou bom nisto, mas a verdade é que não há métricas que avaliem tal coisa. Quero dizer, ainda não fomos à falência. E o que costumo dizer em entrevistas para outros empregos que não consigo é que não existe outra instituição ambiental de base fecal que angarie mais dinheiro do que nós.

Além disso, temos como nome Centro de Apoio e Conservação do Coleóptero Autóctone, cujo acrónimo, CACCA, por razões mais do que óbvias, deve ser evitado. Como tal, cingimo-nos ao muito mais simples CÊÁCÊCÊÁ.

Trabalhar no CACCA tem diversas desvantagens: o aquecimento central no máximo todo o verão e desligado todo o inverno; a gerente que nunca deixa ninguém gastar dinheiro em nada seja por que motivo for; os computadores tão antigos que ainda trabalham com uma versão do Windows que tem o nome de um ano, para não falar da perceção diária de que a minha vida é isto. Mas há algumas vantagens. O café é bastante decente porque as duas coisas com as quais a Dra. Fairclough se preocupa são a cafeína e os invertebrados. E todas as manhãs, enquanto espero que o meu PC da era renascentista arranque, posso contar piadas ao Alex Twaddle. Ou melhor, posso contar piadas ao Alex Twaddle enquanto o Alex Twaddle se limita a pestanejar.

Não sei muita coisa sobre ele e definitivamente não sei como é que conseguiu o emprego, o qual, teoricamente, é o de assistente executivo da Dra. Fairclough. Alguém me disse uma vez que ele tinha uma licenciatura e tanto, mas não disse em quê nem de onde.

— Então — disse eu —, temos duas faixas de asfalto num bar…

O Alex pestanejou.

— Faixas de asfalto?

— Sim.

— Tens a certeza? Não me parece que faça muito sentido.

— Só tens de alinhar com a coisa, vá lá. Então, temos duas faixas de asfalto, e uma diz para a outra: «Epá, sou mesmo rija. Tantos camiões que me passam por cima e eu nem os sinto.» Então, no momento em que tinha acabado de dizer isto, entra uma faixa de asfalto vermelho. E eis que a primeira faixa de asfalto se levanta, desata a fugir e esconde-se num canto. E a amiga vai ter com ela e pergunta: «O que é que estás a fazer? Não acabaste de dizer que eras mesmo rija?» E a primeira faixa de asfalto responde: «Pois disse, e sou bem rija, mas aquela ali é uma ciclovia.»

Um longo silêncio.

O Alex pestanejou outra vez.

— Porque é que ela tem medo de ciclovias? Sofreu algum acidente?

— Não, é que ela é rija, mas a outra é… uma *ciclovia.*

— Sim, mas porque é que ela tem medo de ciclovias?

Às vezes, eu já nem sabia se aquilo era um passatempo meu ou antes um castigo autoimposto.

— Não, é um trocadilho, Alex. Porque *ciclovia*, se o disseres depressa e com um determinado sotaque, parece *psicopata*.[2]

— Ah. — Ele ficou a matutar um instante ou dois. — Não sei se será bem esse o caso, para dizer a verdade.

— Tens razão, Alex. Para a próxima, vou fazer um esforço.

— A propósito — disse-me ele —, tens uma reunião com a Doutora Fairclough às dez e meia.

Aquilo não era um bom sinal.

— Imagino — comecei, já convencido de que era inútil perguntar — que não faças nenhuma ideia do motivo.

Ele sorriu.

— Rigorosamente nenhuma.

— Continua assim que vais bem.

Arrastei-me de volta para o meu escritório, a perspetiva de ter de interagir com a Dra. Fairclough a pairar sobre mim como uma nuvem de chuva de desenho animado. Não me interpretem mal: tenho um grande respeito por ela — se estou em qualquer espécie de crise relacionada com escaravelhos, ela é a primeira a quem recorro — só que não faço ideia de como falar com ela. Para ser sincero, ela nitidamente também não faz ideia de como falar comigo, ou possivelmente com qualquer outra pessoa. A diferença é que ela não se importa.

Ao atravessar o corredor, com as tábuas do soalho a ranger alegremente com cada um dos meus passos, uma voz perguntou:

— És tu, Luc?

Infelizmente, eu não tinha como negá-lo.

— Sim, sou eu.

— Importas-te de chegar aqui por um instante? Estamos a braços com uma situação algo complicada com o Twitter.

Solidário que sou, cheguei lá. O Rhys Jones Bowen — coordenador de voluntários e diretor de redes sociais do CACCA — estava debruçado sobre o seu computador, a teclar só com um dedo.

— A questão é esta — disse-me ele. — Lembras-te de que querias que eu falasse a toda a gente sobre a Gala do Bosteiro?

[2] Obviamente, o trocadilho existe na língua inglesa, entre as palavras *cycle path* (ciclovia) e *psycopath* (psicopata), mas perde-se com a tradução. (*N. do T.*)

A Gala do Bosteiro é o nome que damos no nosso escritório ao jantar, baile e angariação de fundos anual. Há já três anos que sou eu a tratar da organização. O facto de ser o item mais valioso na descrição do meu trabalho atual diz tudo a respeito do evento em questão. E, por falar nisso, sobre o meu emprego.

Fiz por manter um tom neutro:

— Sim, lembro-me de ter falado nisso no mês passado.

— Ah, pois, sabes. Então, é assim. Eu tinha-me esquecido da palavra-passe e ia pedir que me enviassem outra para o *e-mail* que usei para configurar a conta. Mas, vai-se a ver, também me esqueci da palavra-passe da conta em questão.

— Entendo que isso possa ser um problema.

— Ora, eu sabia que a tinha escrito num *Post-it*. E sabia que tinha guardado o *Post-it* num livro para ficar seguro. E sabia que o livro tinha uma capa azul. Mas não me conseguia lembrar do título, nem de quem o escreveu, nem do assunto.

— Não podias ter redefinido a palavra-passe do *e-mail*? — perguntei-lhe cautelosamente.

— Pois podia, só que nessa altura estava com algum receio de ver até onde é que se estendia a desgraça.

Para ser sincero, trata-se de uma coisa que até acontece com frequência. Quero dizer, não exatamente *aquilo,* mas qualquer coisa do género. E eu provavelmente ficaria mais preocupado se a nossa conta no Twitter tivesse mais do que 137 seguidores.

— Não te preocupes com isso.

Ele levantou uma mão para me tranquilizar.

— Não, está tudo bem. Sabes, eu estava na casa de banho e levo sempre um livro comigo, e às vezes até deixo lá um par deles para o caso de me esquecer de levar, e não é que vejo um no parapeito da janela com uma capa azul e agarro nele e abro-o e lá estava o *Post-it*? E ainda bem que já estava sentado porque quase me caguei, tão animado que fiquei.

— Sorte em ambos os aspetos. — Algo desejoso de mudar de assunto, continuei: — Então, se recuperaste a palavra-passe, qual é o problema?

— Bem, sabes, parece que se me estão a acabar as letras.

— Eu mandei-te um *e-mail* com o que tinhas de dizer. Devia caber lá tudo.

— Só que depois ouvi falar nessas coisas chamadas *hashtags*. Segundo parece, é muito importante usar *hashtags* para que as pessoas possam encontrar os teus tuítes no Twitter.

Para ser justo, ele não estava enganado. Por outro lado, a minha fé nos instintos de otimização de *media* sociais do Rhys Jones Bowen não estava propriamente a passar por uma alta histórica.

— E então?

— Tenho andado a pensar em muitas ideias diferentes e acho que este é o *hashtag* que melhor descreve o que estamos a tentar alcançar com a Gala do Bosteiro.

Com um ar de triunfo bastante injustificado, estendeu-me um pedaço de papel no qual tinha cuidadosamente escrito à mão:

#JantarEBaileEAngariacaoDeFundosAnualDoCentroDeApoio
EConservacaoDoColeopteroAutoctoneComLeilaoSilencioso
DeEspecimesEtimologicosTambemConhecidoComoGalado
BosteiroNoTheRoyalAmbassadorsHotelMaryleboneNaoODe
EdinburgoBilhetesDisponiveisNoNossoSiteAgora

— E agora — prosseguiu ele —, só me deixa acrescentar mais trinta e cinco letras.

Não sei se sabem, mas, há muito, muito tempo, eu tive uma carreira mesmo muito promissora. Afinal, tenho um MBA, pelo amor da santa. Trabalhei para algumas das maiores empresas de relações públicas da cidade. E agora passo os meus dias a explicar *hashtags* a um banana dum celta.

Ou não.

— Vou-te preparar uma imagem — disse-lhe eu.

Ele animou-se logo.

— Ah… podemos tuitar uma imagem, é? Eu li que as pessoas reagem muito bem às imagens por causa da aprendizagem visual.

— Podes contar com ela à hora do almoço.

E, dito isto, voltei para o meu escritório, onde o computador estava finalmente operacional e a chiar como um *T. rex* asmático. Quando abri o meu *e-mail*, fiquei desconcertado ao descobrir que uns quantos doadores — doadores bastante significativos — tinham cancelado a sua comparência na Gala do Bosteiro. É claro que as pessoas são esquisitas, ainda mais quando lhes pretendemos sacar dinheiro, e especialmente quando se trata de dinheiro para escaravelhos-bosteiros. Mas havia qualquer coisa ali que me deixou com os pelos da nuca em pé. Provavelmente, tinha sido só uma coincidência. Só que não me *parecia* uma coincidência.

Verifiquei rapidamente a nossa pegada pública, para o caso de o nosso *site* ter sido mais uma vez invadido por pornógrafos amadores. E ao ver que não encontrava nada remotamente preocupante (ou interessante), dei por mim mergulhado numa ciberperseguição aos desistentes como aquele tipo do filme *Uma Mente Brilhante*, a tentar descobrir se havia alguma ligação entre eles. Tanto quanto me era dado a ver, não. Bem, eles eram todos ricos, brancos, e política e socialmente conservadores. Como a maioria dos nossos doadores.

Não estou a dizer que os escaravelhos-bosteiros não são importantes — a Dra. Fairclough já me explicou várias e extensas vezes por que razão eles são importantes, algo relacionado com a aeração do solo e o teor de matéria orgânica —, mas há que ser possuidor de um certo nível de privilégio para nos preocuparmos mais com uma gestão otimizada dos coleópteros do que, digamos, com minas terrestres ou casas para os sem-abrigo. É claro que, enquanto a maioria de nós diria que os sem-teto são seres humanos e, como tal, merecedores dos nossos cuidados, a Dra. Fairclough argumentaria que os sem-teto são seres humanos e, como tal, abundantes e ecologicamente algures entre o insignificante e o prejuízo líquido. Ao contrário dos escaravelhos-bosteiros, que são insubstituíveis. E é por isso que ela analisa os dados e eu falo com a imprensa.

CAPÍTULO 4

Às 10h30, apresentei-me diligentemente à porta do escritório da Dra. Fairclough, no qual o Alex me convidou a entrar com exageradas mesuras, embora a porta já estivesse aberta. Como sempre, o espaço assemelhava-se a um assustadoramente ordenado massacre de livros, papéis e amostras etimológicas, como se fosse o ninho de algumas vespas particularmente académicas.

— Sente-se, O'Donnell.

Sim. Esta é a minha chefe. A Dra. Amelia Fairclough parece a Kate Moss, veste-se como o Simon Schama e fala como se lhe estivessem a cobrar à palavra. Em muitos aspetos, é a pessoa ideal para se trabalhar, já que o seu estilo de gestão envolve não nos ligar a mínima a não ser que peguemos fogo a alguma coisa. Algo que, para sermos justos, o Alex já fez duas vezes.

Sentei-me.

— Twaddle — ela olhou bruscamente para o Alex —, ata.

Ele levantou-se de um salto.

— Oh. Hum. Sim. Claro. Alguém tem uma caneta?

— Aí. Debaixo do *Chrysochroa fulminans.*

— Esplêndido. — O Alex estava com olhos de mãe do Bambi. Muito possivelmente depois de ela ter levado um tiro. — Debaixo do quê?

Um músculo contraiu-se no maxilar da Dra. Fairclough.

— O verde.

Dez minutos depois, o Alex tinha finalmente uma caneta, uma folha de papel, uma segunda folha de papel porque havia furado a primeira

com a caneta, e um exemplar do *Ecology and Evolution of Dung Beetles* (Simmons e Ridsdill-Smith, Wiley-Blackwell, 2011) para lhe servir de apoio.

— *Okay* — disse ele. — Pronto.

A Dra. Fairclough cruzou as mãos sobre a secretária à sua frente.

— Isto não me dá nenhum prazer, O'Donnell…

Eu não sabia dizer se ela se referia ao facto de ter de falar comigo ou àquilo que estava prestes a dizer. Fosse o que fosse, não era um bom presságio.

— Merda, estou despedido?

— Ainda não, mas tive de responder a três *e-mails* que o tinham a si como assunto, e isso são mais três *e-mails* do que aqueles a que normalmente gosto de responder.

— *E-mails* que me tinham como assunto? — Eu já estava a ver onde é que a conversa ia parar. E não podia dizer que estivesse admirado. — Isso é por causa das fotos?

Ela assentiu brevemente com a cabeça.

— Sim. Quando o contratámos, disse-nos que isso era uma coisa do passado.

— E era. Quero dizer, é. Apenas caí na asneira de ir a uma festa na mesma noite em que o meu pai estava na ITV.

— A opinião consensual entre a imprensa parece apontar para o facto de você estar estatelado numa sarjeta sob pleno efeito de drogas. E com uma indumentária de natureza fetichista.

— Tropecei e caí — disse eu categoricamente —, com um par de orelhas de coelho de fantasia na cabeça.

— Para uma certa classe de pessoas, esse pormenor acrescenta-lhe um particular elemento desviante.

De certa forma, parecia quase um alívio sentir-me danado. Sempre era melhor do que estar apavorado com a perspetiva de estar prestes a perder o emprego.

— Preciso de um advogado? É que já começo a pensar que isto tem mais que ver com a minha sexualidade do que com a minha sobriedade.

— Claro que sim. — A Dra. Fairclough fez um gesto impaciente. — Isto fá-lo parecer completamente o tipo errado de homossexual.

O Alex tinha estado a assistir à conversa como se estivesse em Wimbledon e ouvi-o murmurar «tipo errado de homossexual» enquanto escrevia.

Fiz o meu melhor para responder no tom mais razoável que consegui encontrar.

— Sabe que eu vos podia processar à grande por causa disto.

— Pois podia — concordou a Dra. Fairclough. — Mas não havia de conseguir outro emprego e, estritamente falando, isto não se trata de um despedimento. Além disso, como nosso angariador de fundos, deve saber melhor do que ninguém que não temos dinheiro, pelo que a via do litígio seria perfeitamente inútil da sua parte.

— O quê? Então, só me chamou aqui para me alegrar o dia com um cheirinho de homofobia casual?

— Então, O'Donnell. — Ela suspirou. — Já deve estar cansado de saber que não tenho nenhum interesse em saber que tipo de homossexual você é… aliás, sabia que os pulgões são partenogenéticos? Só que, infelizmente, uns quantos dos nossos mecenas interessam-se por essas coisas. Eles, como é óbvio, não são todos homofóbicos, e até penso que têm gostado de ter um apetitoso jovem *gay* a jantar e a beber com eles. Isso, no entanto, tinha como base o facto de você ser essencialmente inofensivo.

A minha fúria, à semelhança de todos os homens com quem já estive, não parecia inclinada a ficar comigo, pelo que dei por mim com uma sensação de cansaço e da mais pura inutilidade.

— Por acaso, isso continua a ser homofóbico.

— E você pode certamente telefonar-lhes e explicar-lhes isso mesmo, mas algo me diz que não me parece que isso os deixe mais propensos a darem-nos o seu dinheiro. E se você for incapaz de conseguir que as pessoas nos deem o seu dinheiro, isso limita a sua utilidade para a nossa organização.

Bem, agora eu estava outra vez com medo.

— Pensei que me tinha dito que não ia ser despedido.

— Desde que a Gala do Bosteiro seja um sucesso, pode ir a quaisquer bares que quiser e usar os apêndices mamíferos que bem entender.

— Boa.

— Mas, neste momento — ela lançou-me um olhar gelado —, a sua imagem pública, que o mostra com uma espécie de pervertido cocainómano que faz sexo sem proteção e usa calças que deixam as nádegas ao léu, espantou três dos nossos maiores doadores, e eu não preciso de lhe lembrar que a nossa lista de mecenas está a aproximar-se perigosamente de um valor com um único dígito.

Talvez não fosse o melhor momento para lhe falar sobre os *e-mails* que tinha recebido naquela manhã.

— Então, o que é que devo fazer?

— Reabilite-se e depressa. Tem de voltar a ser o tipo de sodomita inofensivo que os clientes da Waitrose até gostam de apresentar aos seus amigos de esquerda e até se orgulham de apresentar aos seus amigos de direita.

— Para que conste, sinto-me muito, *muito* ofendido com isto.

Ela encolheu os ombros.

— Darwin sentia-se ofendido pelos *Ichneumonidae.* Para seu desgosto, eles fizeram questão de continuar a existir.

Se eu tivesse de orgulho o equivalente ao testículo de um único mosquito, tinha dado meia-volta e saído porta fora. Mas acontece que não tenho, pelo que não saí.

— Não posso controlar o que a imprensa sensacionalista diz sobre mim.

— Claro que podes — piou o Alex. — É fácil.

Ficámos ambos a olhar para ele.

— Um amigo meu de Eton, o Mulholland Tarquin Jjones, deu por si numa tremenda alhada aqui há coisa de uns anos por causa de um mal-entendido a respeito de um carro roubado, três prostitutas e um quilo de heroína. Os jornais foram horríveis com ele, mas depois ele ficou noivo de uma herdeira adorável do Devonshire e, a partir de então, tem sido só *garden parties* e páginas duplas na *Hello.*

— Alex — disse eu bem devagar. — Tu sabes que eu sou *gay* e que toda esta conversa se deve a eu ser *gay*, certo?

— Bem, eu estava obviamente a falar de procurares uma herdeira rapaz, não de uma herdeira rapariga.

— Não conheço nenhuma herdeira de nenhum dos sexos.

— Ah, não? — Ele parecia genuinamente atónito. — Com quem é que vais a Ascot?

Pousei a cabeça nas mãos. Achei que era capaz de estar prestes a chorar.

Foi então que a Dra. Fairclough assumiu novamente o controlo da conversa.

— O Twaddle não deixa de ter razão. Com um namorado apropriado, atrevo-me a dizer que você voltaria a cair nas boas graças e bastante depressa, até.

Eu havia estado a fazer um grande esforço para não pensar no meu fracasso abissal com o Cam na The Cellar. Agora, a lembrança daquela rejeição inundava-me com uma humilhação renovada.

— Eu nem consigo arranjar um namorado inapropriado.

— Isso já não é problema meu, O'Donnell. Faça o favor de sair. Entre os *e-mails* e esta conversa, você já me privou de uma parte demasiado grande da minha manhã.

Devolveu com tal intensidade a sua atenção ao que estava a fazer no computador que quase me convenci de que eu deixara de existir. Naquela altura, nem me teria importado se assim fosse.

Tinha a cabeça num turbilhão quando saí do escritório. Levei uma mão à cara e descobri que os meus olhos estavam húmidos.

— Credo — disse o Alex. — Estás a chorar?

— Não.

— Queres um abraço?

— Não.

Não sei muito bem como, lá acabei por ir parar aos braços dele, isto ao mesmo tempo que recebia umas palmadinhas desajeitadas na cabeça. Segundo constava, o Alex tinha sido um valente jogador de críquete na escola ou na universidade ou qualquer coisa assim — fosse lá o que fosse que «valente» queria dizer num desporto que consistia basicamente em cinco dias a comer morangos e andar devagarinho — e não pude deixar de reparar que ele ainda tinha um corpo à altura: magro, seco e rijo. Para rematar, tinha um cheiro incrivelmente saudável, como relva recém-cortada no verão. Tratei de enfiar a cara no

casaco de malha de caxemira de marca que ele usava e emiti um som que não tinha nada de soluçante.

Diga-se a seu favor, o Alex não pareceu ficar minimamente incomodado.

— Pronto, pronto. Eu sei que a Doutora Fairclough pode ser um pouco chatinha, mas há coisas piores no mar.

— Alex. — Funguei e tentei sorrateiramente limpar o nariz. — As pessoas não dizem «há coisas piores no mar» desde 1872.

— Dizem, sim. Acabei de o fazer. Não ouviste?

— Tens razão. Que tolice a minha.

— Não faz mal. Dá para ver que estás alterado.

Tendo acabado de ficar a pairar a uns cinco centímetros do fundo do poço, percebi penosamente que estava a chorar no ombro do totó do escritório.

— Eu estou bem. Ainda estou a tentar processar o facto de que, depois de passar basicamente meia década da minha vida solteiro, tenho de arranjar um namorado do pé para a mão, senão perco o único emprego que consegui encontrar… numa instituição sem fins lucrativos cujos níveis de exigência são tão baixos que aceitou alguém como tu e o Rhys.

O Alex ficou a pensar naquilo só por um instante.

— Tens razão. É mesmo mau. Quero dizer, somos uns asnos chapados.

— Então, vá lá! — rosnei. — Pelo menos, mostra-te ofendido. Agora, conseguiste fazer-me sentir um cabrão do pior.

— Peço desculpa. Não era minha intenção.

Há alturas em que quase me pergunto se o Alex não será secretamente um génio e nós meros peões no seu grande plano secreto.

— Estás a fazer isto de propósito, não estás?

Brindou-me com um sorriso que tanto podia ser enigmático como simplesmente bacoco.

— Seja como for, tenho a certeza de que não vais ter dificuldade em arranjar namorado. És bem-parecido. Tens um bom emprego. Até apareceste nos jornais há pouco tempo.

— Se eu conseguisse arranjar namorado, já *tinha* namorado.

O Alex apoiou as ancas num dos lados da secretária.

— Queixo erguido, meu caro. Havemos de sair desta. Os teus pais conhecem alguém que se encaixe no perfil?

— Tens presente que o meu pai é um agarrado em recuperação que aparece num *reality show* e que a minha mãe é uma reclusa dos anos 80 com exatamente uma amiga, não tens?

— Sim, mas imagino que, mesmo assim, façam parte de algum clube.

— Não é o caso.

— Não te preocupes, temos muito mais opções. — Uma pausa. — Dá-me só um momento para pensar quais poderão ser.

Olá, fundo do poço. Prazer em rever-te. Queres ser meu namorado?

Depois de vários e longos momentos, o Alex arrebitou como um *beagle* que apanhou o cheiro de um coelho.

— Então e os teus colegas da escola? Liga-lhes e pergunta se algum deles tem uma irmã catita. Um irmão, quero eu dizer. Ou antes, um irmão *gay*.

— Andei na escola num vilarejo minúsculo. Éramos três no meu ano. Não mantive o contacto com nenhum deles.

— Muito curioso. — Inclinou a cabeça interrogativamente. — Sempre pensei que tinhas andado em Harrow.

— Sabes que há quem não tenha andado em Eton nem em Harrow, não sabes?

— Claro que sei, obviamente. As miúdas.

Eu não estava em condições para explicar os aspetos socioeconómicos da Grã-Bretanha moderna a um homem tão queque que nem sequer achava estranho que se pronunciasse o «t» em *Moët*, mas não em *merlot*.

— Não quero acreditar que vou dizer isto, mas… por favor, podemos voltar à parte em que estavas a tentar resolver a minha vida amorosa?

— Tenho de admitir que estou um pouco perplexo. — Ficou em silêncio, com o cenho franzido e entretido com os punhos da camisa. Então, sem mais nem menos, sorriu. — Tive uma ideia.

Em circunstâncias normais, eu teria aceitado aquilo com as enormes reservas que merecia. Mas estava desesperado.

— Qual?

— Porque é que não dizes que andas comigo?

— Tu não és *gay* e toda a gente sabe isso.

Ele encolheu os ombros.

— Posso sempre dizer que mudei de ideias.

— Não me parece que as coisas funcionem assim.

— Achava que essas coisas agora eram fluidas. Século XX e assim.

Não era a melhor altura para lhe lembrar em que século estávamos.

— Tu não tens namorada?

— Ah, pois tenho… a Miffy. Tinha-me esquecido. Mas ela é espetacular. Não se há de importar nem um pouco.

— No lugar dela, eu importava-me. Eu importava-me e *muito*.

— Bem, talvez seja por isso que não tens namorado. — Brindou-me com um olhar ligeiramente magoado. — Estás-me a parecer muito exigente.

— Ouve. Agradeço a oferta. Mas não achas que, se nem sequer te consegues lembrar de que tens uma namorada a sério, pode ser que tenhas alguma dificuldade em lembrar-te de um namorado a fingir?

— Não, aí é que está a esperteza da minha ideia. Posso fingir que és meu namorado e ninguém vai achar estranho que eu nunca tenha falado em ti porque sou tão pateta que me podia ter esquecido com a maior das calmas.

Era assustador, mas aquilo começava a fazer sentido.

— Sabes que mais? — perguntei-lhe. — Vou pensar nisso. A sério.

— Pensar em quê?

— Obrigado, Alex. Foste uma grande ajuda.

Voltei sem pressa nenhuma para o meu escritório, onde foi com grande alívio que descobri que não tinha afugentado mais nenhum mecenas entretanto. Depois, sentei-me à secretária com a cabeça entre as mãos e desejei que…

Meu Deus. Tinha o juízo tão fodido que nem sequer sabia o que estava a desejar. Obviamente, teria sido bom se o meu pai não aparecesse na televisão e eu não estivesse escarrapachado nos jornais e se o meu trabalho não estivesse em risco. Mas nenhuma destas coisas, juntas ou separadas, era realmente o problema. Não passavam de mais umas quantas aves marinhas mortas a boiar nas redondezas do derramamento de petróleo que era a minha vida.

Bem vistas as coisas, não tinha como dar a volta ao facto de o meu pai ser o Jon Fleming. Não tinha como dar a volta ao facto de ele não me ter querido. Não tinha como dar a volta ao facto de me ter apaixonado pelo Miles. E não tinha como dar a volta ao facto de, também ele, não me ter querido.

Foi enquanto chafurdava em autocomiseração que percebi que o Alex não tinha sido totalmente inútil. Quero dizer, não chegara ao ponto de *ser* mesmo útil — um passo de cada vez, um passo de cada vez —, mas, em termos gerais, ele tinha razão ao dizer que as pessoas que eu conhecia eram uma boa maneira de conhecer pessoas que eu não conhecia.

Agarrei no telemóvel e abri o grupo do WhatsApp, que alguém recentemente havia rebatizado como Don't Wanna Be All Bi Myself. Depois de pensar um pouco, enviei uma série de *emojis* de sirene seguidos de **Socorro. Emergência. Reunião de Vingaydores. Rose & Crown. Esta tarde às 6** e fiquei a modos que comovido com a rapidez com que o ecrã se iluminou com promessas de comparência.